



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB, CAMPUS – I
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – DFCS
LICENCIATURA PLENA EM FILOSOFIA**

YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES

**A OBRA DE ARTE NA FILOSOFIA DE MARTIN
HEIDEGGER**

**CAMPINA GRANDE – PB
2014**

YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES
A OBRA DE ARTE NA FILOSOFIA DE MARTIN
HEIDEGGER

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Filosofia.

Orientador: Prof.Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972o Nunes, Yamille Fragoso de Medeiros.
A obra de arte na filosofia de Martin Heidegger [manuscrito] /
Yamille Fragoso de Medeiros Nunes. - 2014.
23 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães,
Departamento de Filosofia e Ciências Sociais".

1. Filosofia 2. Filosofia de Heidegger. 3. Filosofia e
literatura. I. Título.

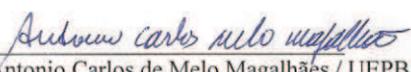
21. ed. CDD 100

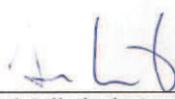
YAMILLE FRAGOSO DE MEDEIROS NUNES

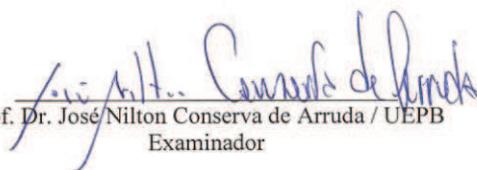
A obra de arte na filosofia de Martin Heidegger

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Filosofia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciada em Filosofia.

Aprovado em 10/03/2014.


Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Orientador


Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar filho / UEPB
Examinador


Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda / UEPB
Examinador

Dedico este trabalho a Adete Fragoso de Medeiros (in memoriam), por ter sido durante toda minha vida meu porto seguro, minha referência de mulher por fazer de mim o que sou e pela certeza que um dia irei novamente encontrá-la.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter possibilitado mais uma vitória em minha vida, por ter me guiado pelos caminhos corretos e ter me dado o discernimento para segui-los. Agradeço a minha mãe Angela Virgínia Fragoso de Medeiros, por ser sempre o maior exemplo tenho da personificação do amor, força e proteção. Pois dentro de todas as dificuldades da vida me criou da forma mais íntegra, me ensinando os verdadeiros valores da vida e sempre me amado incondicionalmente. Agradeço a minha irmã Yochabel Fragoso de Medeiros, por toda ajuda e paciência para realização deste trabalho. Agradeço aos meus familiares, especialmente ao meu primo Matheus Franco Fragoso por ter se disposto a me ajudar neste trabalho.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães, por ter sido fundamental na realização deste trabalho, contribuindo com toda sua experiência, sua sabedoria e seu conhecimento. Sempre buscando me orientar da melhor forma possível para conseguirmos efetivar a construção deste trabalho. Sendo também uma das minhas maiores inspirações dentro da minha carreira acadêmica. Aos demais professores da Banca Examinadora, Prof. Dr. José Arlindo de Aguiar Filho e Prof. Dr. José Nilton Conserva de Arruda, por terem disponibilizado um momento do seu tempo para também contribuírem para a concretização do meu processo de formação.

Agradeço também a todos os meus amigos, que estiveram comigo durante esta caminhada, tornando-a mais feliz, sempre me apoiando e acreditando em mim. Especialmente Thiago Santos de Almeida Lopes, por ter sido mais que um amigo durante todos esses anos, foi meu grande irmão, que sempre esteve ao meu lado nos melhores e piores momentos, me dando força e todo seu carinho, sendo assim uma das pessoas mais importantes da minha vida.

Por fim, agradeço aos meus colegas de sala por quatro anos e meio de companheirismo, uma grande família, onde sempre buscamos ajudar uns aos outros, lutamos juntos, conquistamos grandes coisas juntos e assim desejo a todos que continuem suas caminhadas da melhor forma possível e que a mim sempre terão uma grande amiga.

“Eu, alquimista de mim mesmo. Sou um homem que se devora? Não, é que vivo em eterna mutação, com novas adaptações a meu renovado viver e nunca chego ao fim de cada um dos meus modos de existir. Vivo de esboços não acabados e vacilantes. Mas equilibro-me como posso entre mim e eu, entre mim e os homens, entre mim e o Deus. Vivo em escuridão da alma, e o coração pulsando, sôfrego pelas futuras batidas que não podem parar.”

(Clarice Lispector)

A OBRA DE ARTE NA FILOSOFIA DE MARTIN HEIDEGGER

NUNES, Yamille Fragoso de Medeiros¹

RESUMO

Filosofia e literatura são saberes que sempre estiveram próximos durante o percurso do pensamento humano. Pretendo com este trabalho esboçar como se dá a relação entre filosofia e literatura, especialmente dentro da filosofia de Martín Heidegger (1889-1979). O filósofo existencialista alemão busca uma forma mais eficaz para desenvolver a problemática do sentido do ser. Para Heidegger, é evidente que a questão do ser não poderia mais ser pensada por conceitos, que apenas abarcassem enunciados lógicos, então Heidegger decide ultrapassar este modo de pensar, onde se depara com a poesia, com a finalidade de transitar pelas regiões labirínticas e extraordinárias do ser. Este novo estudo parte de como é o processo de fusão entre pensamento e filosofia, Heidegger então busca dentro da poesia do poeta lírico e romancista alemão Friedrich Hölderlin (1770-1843) o entendimento para o desenvolvimento do conceito de Dasein. Heidegger foi um apreciador das obras Hölderlin, mas apenas com o passar dos anos iniciou o estudo sobre elas, o ponto crucial do encontro com a poesia do autor é a verdade do ser, trata-se de um pensamento que procura encontrar o campo possível de colocação do tema do ser no horizonte da história da metafísica e seu fato fundamental, que é o esquecimento do ser. Em *Ser e Tempo* o Dasein é refletido numa espécie de diálogo entre o mundo grego e o mundo moderno onde Hölderlin tem o papel de esclarecer poeticamente o lado oculto da história ocidental.

PALAVRAS-CHAVE:Obra de Arte. Poesia. Hölderlin.

¹ Graduanda em Licenciatura plena em Filosofia, pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. E-mail: millinahfragoso@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A relação entre filosofia e literatura nos possibilita um vasto leque de discussões acerca do tema, porque ao refletimos esta relação nos deparamos com seu extenso percurso dentro da caminhada do pensamento humano. A analogia em questão está além de apenas delimitação dos dois saberes, pois há momentos em que os dois estão tão próximos que é praticamente impossível separá-los. A preocupação deste trabalho é compreender como é o processo desta ligação, qual a importância da filosofia para a literatura e qual a importância da literatura para a filosofia, tendo como base o pensamento de Martin Heidegger.

Ao analisarmos a história dessa relação percebemos que ela começa a ser pensada na Grécia Antiga. No momento em que Platão escreve sua obra a República, ele exila os artistas de sua obra, pois os consideram inadequados por supostamente criarem “a cópia dentro da cópia”, tendo em vista que o filósofo acreditava que tudo que era possível conhecer através dos sentidos, era apenas projeções do mundo das essências verdadeiras. Porém o próprio Platão escrevia em forma de diálogos, ou seja, seu discurso era essencialmente poético.

Assim dentro dessa trajetória do processo de entendimento da união entre filosofia e literatura, o que se faz necessário compreendermos, é que essencialmente somos seres formados através da linguagem. Então um o objetivo desse trabalho, por meio da filosofia de Martin Heidegger, é de sermos capazes de conceber que por esta propriedade humana, a linguagem poética é capaz de percorrer o caminho necessário para a compreensão do ser como tal. A literatura então tem o papel de, segundo Heidegger, mostrar as composições da nossa subjetividade, porém preservando o velamento característico do ser.

A QUESTÃO DO SER

Martin Heidegger foi responsável por um dos grandes marcos na história da filosofia ocidental, através de sua principal obra *Ser e Tempo*, escrita em 1926, nela o tema central abordado é a questão do ser. Na época em que *Ser e Tempo*, foi publicado o que estava em foco dentro da filosofia era a relação entre verdade e história. Toda a tradição iluminista da época na ciência e no progresso estava sendo deixada de lado e em seu lugar estava sendo ocupado pelo relativismo. Havia uma crise da razão ocidental e em oposição está o crescimento da ciência. Surgem então três grandes linhas de pensamento do século XX: a filosofia de Karl Marx com a Escola de Frankfurt, onde há uma preocupação com o homem em seu aspecto social e econômico; o Positivismo onde prevalece às questões relacionadas ao cientificismo e o Existencialismo, apoiando-se na Fenomenologia, que se preocupa com a existência humana, o homem agora está entregue a si mesmo, em suas individualidades, em seu cotidiano. Dentro deste contexto histórico, Martin Heidegger não buscava estabelecer simplesmente uma determinada lei sobre a natureza do ser, seu pensamento ia mais além, estava relacionado ao “significado do ser” e transcendia os preconceitos contra a ontologia, que não deixavam de serem pressupostos sobre o ser.

Os tais pressupostos em relação ao ser eram que, primeiro, o ser deve ser o mais universal de todos os conceitos, segundo, o ser é vago e indefinível e o terceiro, que todos nós já entendemos o que é ser, sem precisarmos pensar sobre ele. Heidegger foi contra essas afirmações, ele acreditava que mesmo sendo o mais universal de todos os conceitos, isso não significa que ele era o conceito mais claro; sobre ser vago e indefinível ele afirmava que não devemos tratar questões ontológicas como sendo ônticas, ou seja, não devemos acreditar que quando estamos tratando sobre entidades particulares, estamos tratando sobre o ser enquanto tal, é interessante esclarecer que Heidegger foi um dos filósofos que defendiam a diferenciação de ser e ente, para ele o ser é o que faz que algo seja e o ente é a forma material de algo que é. Por último, quando achamos que já concebemos algo sem uma reflexão anterior como, por exemplo, o ser, este fato já é importante e merecedor de uma análise atenta e paciente.

Para o filósofo fica claro que a questão do ser não poderia mais ser trabalhada por conceitos, que apenas abrangessem enunciados lógicos, então Heidegger decide ir mais além, onde se encontra com a poesia, com a finalidade de transitar pelas regiões tortuosas e

inusitadas do ser. Este novo estudo parte de como se dá a fusão entre pensamento e filosofia. Durante sua reflexão sobre a problemática do ser, Martin Heidegger estabelece uma análise geral sobre a questão do ser, a que toda pergunta é uma busca, toda busca é antecipadamente gerada pelo que é buscado. A pergunta, ao passo que “pergunta sobre algo”, possui aquilo sobre o que se pergunta. Entretanto toda “pergunta sobre algo;” é também uma “pergunta a algo”. Então é inerente da pergunta tanto o que se é perguntado, quanto a quem se pergunta. Podemos então compreender que aquilo que se pergunta é o “ser”, do qual conhecemos quase nada com exceção de que é totalmente diferente das entidades particulares que encontramos na vida cotidiana, que aquilo a quem se pergunta devem ser entidades de vários tipos, que são questionadas quanto ao seu ser e a resposta a ser encontrada é simplesmente o próprio “significado do ser”.

Porém segundo Heidegger, este diagrama sobre a questão do ser não está completo, há algo essencial que também deve ser levado em consideração, que é de onde surge a pergunta, ou seja, o questionador. A entidade que somos quando confrontado com questões ontológicas não é nada mais, nada menos que nós mesmos, tão comuns e familiares quanto possamos ser, em outras palavras, o *Dasein*. “[...] como *Dasein* não somos nada além de nossas compreensões e incompreensões do mundo e do lugar que nele ocupamos, e de nossas mais ou menos claras compreensões incompreensões dessas próprias compreensões, e assim por diante, interminavelmente”. (RÉE, 2000. p.16).

Dasein é uma palavra em alemão, que sua tradução para o português fica ser-aí ou ser-aí-no-mundo. Ela foi adotada por Heidegger e tornou-se um conceito filosófico que pode ser entendido como projeto indefinido, autodirigido e perpetuamente inacabado. Para Heidegger um dos pontos fundamentais no estudo da hermenêutica do *Dasein* é a linguagem. Ele a coloca como uma entidade histórica, uma herança cultural dinâmica e multifacetada e nós como usuários dela estamos sempre sujeitos a história a que ela faz parte, representa e nos engloba. Pois a linguagem é a maneira em que o homem se coloca no mundo, é onde podemos cultivar o ser. É a partir dessa compreensão da importância da linguagem para a existência humana, que através desse trabalho iremos nos aprofundar nas questões da arte, linguagem e poesia.

A ESSÊNCIA DA OBRA DE ARTE

Heidegger afirma que a obra de arte existe de modo tão natural como uma coisa, este modo de ver a arte é a primeira coisa que nos deparamos ao observá-la. Ela é uma forma privilegiada de revelar o cotidiano, na compreensão poética do mundo e temos que através da nossa reflexão transgredir o pensamento de que a obra de arte é mera atividade criadora do artista. Em *A Origem da Obra de Arte*, podemos perceber que a preocupação inicial de Heidegger está relacionada ao originário, que ele diz ser aquilo a partir do que algo é o que ele é e como ele é, ou seja, o originário provém da essência. Então se o originário é através da essência, onde está essência e originário quando no referimos a arte? Na própria obra de arte ou no artista? Sobre essa questão Heidegger afirma que “O artista é a origem da obra. A obra é a origem do artista. Nenhum é sem o outro. Do mesmo modo também nenhum dos dois porta sozinho o outro. Artista e obra são em-si e em sua mútua referência através daquilo a partir de onde artista e obra de arte têm seu nome, através da arte” (HEIDEGGER, 2010, p. 37). Ao pensarmos a arte, o filósofo deixa claro que ela é o originário para o artista e a obra, da mesma forma que a obra dá origem ao artista e o artista a origem dá obra. Mas antes de conceber a arte como um originário, temos que compreender o que de fato é a arte, buscar em sua essência.

Na busca para se conhecer a essência da arte, Heidegger “coisifica” a obra de arte, como algo que existe naturalmente como coisa. O filósofo acredita que é necessário sabermos até onde a obra de arte contribui para a natureza da coisa. Sobre isso ele diz “O caráter de coisa é tão irremovível na obra de arte que, ao contrário, seria melhor dizer: o monumento está na pedra, a escultura está na madeira. A pintura está na cor. A obra de linguagem está na fala. A obra musical está na sonoridade” (HEIDEGGER, 2010, p. 43). Então precisamos compreender o ser da coisa (a coisidade) na obra de arte, para isso se faz necessário percorrer o caminho filosófico traçado por Martin Heidegger na busca do entendimento desta questão. No estudo da coisa enquanto ente o filósofo utiliza uma discussão entre três teorias: a teoria substancialista, a teoria sensualista e a teoria da matéria e forma.

A primeira refere-se à estrutura que forma a parte essencial da coisa, esta parte é considerada permanente, porém invisível. Inicialmente Heidegger classifica como coisa tudo aquilo que é, uma escultura é uma coisa, da mesma forma que o vento no outono é uma coisa e para ele até coisas que não são nada, como a morte e o juízo final são também coisas, porém

esse conceito de coisa ainda está muito vago e é necessário ser melhor trabalhado para que possamos chegar a sua essência.

Heidegger acrescenta ao conceito de coisa como sendo algo que é classificável, ou seja, que podemos atribuir-lhe características, por exemplo, um bloco de concreto pode ser pesado, áspero, duro, opaco, etc. Mas logo em seguida este pensamento também não é considerado suficiente, sobre isso o autor diz: “Claramente a coisa não é somente a reunião de características e também não é a acumulação das propriedades através das quais surge o conjunto. A coisa é, como qualquer um acredita saber, aquilo em torno do qual as propriedades se reuniram” (HEIDEGGER, 2010, p.51), agora fica claro que a coisa é algo que preexiste a suas características e segundo Heidegger suas determinações não são quaisquer nomes, pois são nessas determinações que somos capazes conhecer o caráter da coisa e falar sobre ela, através de enunciados simples, compostos de sujeito e predicado, que equivalem a substância da coisa e seus acidentes. Agora neste processo de conceituação da coisa é necessário se afastar dos enunciados sobre a mesma, pois eles ainda não são sua essência.

Em sua segunda tentativa de conceituar a coisa Heidegger afirma: “A coisa é o aistheton [o sensível], o perceptível nos sentidos da sensibilidade através das sensações” (HEIDEGGER, 2010, p. 59). Porém logo percebemos que as próprias coisas estão muito mais próximas de nós que as sensações, por exemplo, escutamos em casa a porta bater e nunca ouvimos sensações acústicas ou meros ruídos. Sobre as suas tentativas de Heidegger de conceituar a coisa podemos dizer que, a primeira interpretação a afasta demasiadamente do corpo e a segunda se projeta demais sobre o corpo, findando que a coisa termina por desaparecer dentro das duas interpretações.

Finalmente nos fica claro que “aquilo que dá às coisas o que é constante e é seu cerne, mas que ao mesmo tempo também causa o modo de seus afluxo sensível, o colorido, o sonoro, a dureza, o maciço, é a materialidade das coisas” (HEIDEGGER, 2010, p.61), ou seja, a coisa é a união de matéria e forma, Heidegger diz que é este conceito que nos põe em condição de responder à pergunta pelo caráter de coisa na obra de arte e que a matéria é a base e campo para a modelagem artística. Mas temos que ter cuidado ao definir a coisa da obra de arte como matéria e forma, pois um utensílio também possui matéria e forma, porém não é obra de arte, então como poderíamos diferenciar a obra de arte dos utensílios? A obra de arte se difere dos utensílios por não ter em sua essência uma utilidade em-si, ou seja, não é fabricado para um determinado intuito como um sapato, utilizando o exemplo do autor, a obra de arte existe por si.

Apesar de podermos aplicar essas teorias a coisa, nenhuma delas oferece uma explicação ontológica satisfatória. Para Heidegger o ente como tal, não é acessível a razão. O ente só é verdadeiro quando é autêntico, ou seja, quando se apresenta tal como é, então a verdade (que aqui significa autenticidade) e o ente são a mesma coisa. O artista sendo o indivíduo em exceção entre os homens comuns tem o poder visionário que penetra profundamente em todas as coisas, em seus olhos apresentam-se a realidade como é em si mesma, que reflete na obra de arte e torna-se uma revelação aos demais. A obra de arte é onde há a não-ocultação do ser. Segundo Heidegger o originário da obra de arte é a própria arte, as obras de arte mostram corretamente o caráter da coisa, ainda que de maneira completamente diferente. Apesar de podermos contemplar diversas obras de arte, o ser-obra da obra não se apresenta claramente para nós, sobre isso o autor faz o seguinte questionamento: “Alguma vez a obra será acessível em si? Para que isso pudesse ser bem sucedido seria necessário retirar a obra de todas as referências ao que ela própria não é, para a deixar repousar só para si e só em-si mesma” (HEIDEGGER, 2010, p.97).

Existem diversas formas de se trabalhar com a obra de arte, a que Heidegger chama de comércio da arte, as obras de arte tornam-se acessíveis ao público para apreciação, críticos se ocupam delas, a história da arte as transforma em uma ciência, porém todas as atividades relacionadas a arte, mesmo que seja a mais elevada, não será capaz de alcançar o ser-obra da obra de arte, seu ente e sim, apenas o ser-objeto. Então a que lugar pertence a obra? Ela pertence como obra ao âmbito que se abre através dela própria.

Há outros aspectos que devemos considerar com Heidegger sobre a obra de arte, ela não é completa por si mesma, isolada, apenas dentro de um conjunto de relações que transcendem sua identidade ela se integra ao mundo que a rodeia. “La obra de arte pone de manifiesto un mundo no en el sentido del mero conjunto de cosas existente, ni en el de un objeto al que se pueda mirar. [...] El mundo es la conciencia que se esconde con una luz para dar cuenta al hombre de su existencia y de su posición en medio de los otros seres existentes; todas las cosas adquieren su ritmo, su lejanía y cercanía, su amplitud e estrechez” (RAMOS, 1973, p. 15-16).

A obra de arte revela a pluralidade de mundos concretos, que são a atmosfera espiritual que influencia a vida de cada povo, cada época, cada momento histórico. Seu ente instala um mundo, esta instalação é o erigir no sentido de consagrar e glorificar. Heidegger afirma:

Mundo nunca é um objeto que fica diante de nós e pode ser visto. Mundo é o sempre inobjetivável, ao qual ficamos subordinados enquanto a vias de nascimento e morte, bênção e maldição nos mantiverem arrebatados pelo ser (a). Onde acontecem as decisões mais essenciais de nossa história, que por nós são aceitas e rejeitadas, não compreendidas e de novo questionadas, aí o mundo mundifica (HEIDEGGER, 2010, p.111).

Para Heidegger esse mundo na obra de arte, não é uma exigência, sem conteúdo específico, um conteúdo de ideias, de sentimentos e de projetos que vão fazer ser inteligível o singular e o concreto. Mas essa forma ideal de obra de arte tem que se agarrar em algo permanente e material. Essa matéria nós podemos chamar de natureza, Heidegger a chama de “Terra”, no sentido metafórico ou mitológico tradicional de “mãe-terra”, “que engendra y alimenta a todos losseres y luego los recoge en su seno” (RAMOS, 1973, p.17). Heidegger considera que a matéria não é somente o “cimento da coisa” da obra de arte, dentro de sua unidade estética ele tem um valor próprio, este valor é o da revelação ontológica. O instalar um mundo e o elaborar a Terra são duas características fundamentais do ser-obra da obra.

A RELAÇÃO ENTRE PENSAMENTO E POESIA

Sobre a questão da verdade, Heidegger afirma que o descuido com a qual nos entregamos ao uso desta palavra essencial mostra quão pequeno e rude é nosso conhecimento da essência da verdade. Na maioria das vezes, pensa-se como verdade esta e aquela verdade. Isto significa algo verdadeiro. Verdadeiro pode ser, um conhecimento que se expressa numa frase, porém não nomeamos verdadeira apenas uma frase, mas também uma coisa. O verdadeiro corresponde ao real e é real aquilo que é de verdadeiro. Na reflexão sobre a essência da verdade o filósofo utiliza da palavra grega *Aletheia* que tem o significado de desvelamento daquilo que é sobre a verdade e continua sua reflexão até chegar à conclusão que ela é a oposição entre clareira e velamento, clareira pois ela é em sua totalidade e vigora no aberto e o velar vela e se dissimula a si mesmo. “Isto quer dizer: o lugar aberto no meio do sendo, a clareira, jamais é palco fixo com cortina aberta sobre o qual se encena o jogo do sendo. A clareira acontece muito mais apenas como este duplo velar. O desvelamento do sendo nunca é, apenas, um estado existente, porém, um acontecimento” (HEIDEGGER, 2010, 135). Esta verdade compreendida por Heidegger acontece no momento em que ela é poietizada, ele usa o

termo poiesis não como um inventar vago e coloca a poesia como ocupando um lugar distinto no todo das artes que se englobam na poiesis.

As reflexões sobre a poesia vêm acompanhadas ou precedidas pela reflexão sobre a linguagem. Os elementos fundamentais para o desenvolvimento do ser-aí, para abertura no ser-no-mundo, são a disposição e a compreensão, a linguagem vem em seguida, sendo o modo com que o ser-aí usa para mostrar o que é compreendido sobre seu envolvimento com o mundo. A função da linguagem é a de expressar o que é articulado no discurso e na interpretação, ela é composta por um conjunto de símbolos e é um fenômeno posterior à analítica existencial, o ser-aí abre-se para a linguagem pelo ato do discurso.

Durante o percurso que Heidegger usa para mostrar que a essência da verdade não está no enunciado, mas por trás dele, fica claro que mais atrás ainda está a essência da não-verdade, “a ocultação de ente no todo”, então o papel fundamental para pensar a essência da verdade é a reflexão sobre esse mistério oculto do ser, onde a linguagem e a poesia entram em cena, para concretizar esta reflexão. Deixando claro que o que se entende por “verdade” é algo mais profundo, que remete a base do ser do homem sobre a Terra.

Já sobre a essência do fundamento, compreendemos que o fundamento necessário para a transição do ser-aí (a transição é algo que o ser-aí não se apodera e sim está imerso nela) é baseado em três “pilastres”: possibilidade, chão e legitimação, mas essas três somente são possíveis pela liberdade.

A liberdade, por sua, não se caracteriza aqui como uma propriedade ou capacidade humana de ser livre para uma ação, mas decorre de uma falta de fundamento, de um abismo, no qual está lançado desde sempre o ser-aí, abismo que escapa do alcance conceitual decorrente de um ato livre do ser-aí (WERLE, 2005, p.39-40).

E assim, o homem enquanto transcendência existente lançado em possibilidades é um ser de distância. Então para Heidegger o discurso poético será a peça que buscará combinar e diferenciar a distância e a proximidade, o estranho e o próprio, com a finalidade de que, em toda sua extensão a história de um povo seja pensada.

O POETA E A CRIAÇÃO

A poesia é aquilo que se dispõe para o poeta e que deve vir à luz. Ela não é resultado de uma “criação” e não está desde sempre dado enquanto um “contexto”. Somente através do poeta ela ganha consistência, a palavra poética tem soberana permanência, ou seja, o que permanece, fundam os poetas. Devemos deixar claro que esse ato fundador executado pelo poeta, não provém do nada, não é apenas uma mera criação. A poesia é fundação que ocorre na palavra pela palavra e é nela que o poeta tem o seu maior bem, pois o que deve ser fundado é o ser, o que sempre permanece, e não o ente simplesmente dado.

Temos então que refletir sobre a atividade do artista, o processo de criação, para encontrar o originário da obra de arte, assim nos desviarmos da obra e nos ocuparmos com a essência da criação, pois segundo Heidegger: “A tentativa de determinar o ser-obra (a) da obra, puramente a partir dela própria, demonstra-se inexequível” (HEIDEGGER, 2010, p.147). Heidegger nos introduz a ideia de criação, que se explica pela essência da obra. Não podemos reduzir a atividade técnica do artista a apenas um fazer, mas devemos considerá-la também como um saber. A atividade técnica do artista é determinada pela essência da criação. A criação é a fixação da verdade mediante a forma, não sendo reduzida ao ato produtor, mas permanece objetivada como um modo de ser da obra. Também podemos observar outro tópico no estudo da estética que é contemplação, deixar que a obra seja obra, é o que Heidegger chama de contemplação, é através dela que se dá a relação ser-criatura. O filósofo tem papel fundamental, pois ele fala também pela obra, é impossível que a obra se apresente como a coisa em si, sem nenhuma referência ao que o filósofo pensa.

A poiesis ou criação, pensada por Heidegger em um sentido tão amplo e ao mesmo tempo resume-se a uma unidade essencial como a linguagem, a própria linguagem é poiesis em seu sentido mais essencial. “[...] a linguagem é aquele acontecimento no qual, a cada vez, o sendo como sendo se abre pela primeira vez para o ser humano, por isso é a poesia, a poiesis em sentido mais restrito, a mais originária poiesis em sentido essencial” (HEIDEGGER, 2010, p.189). s cultivar o ser.

A INFLUÊNCIA DA POESIA DE HÖLDERLIN

Heidegger sempre teve contato com as obras Hölderlin, mas só aos 30 anos começou a interpretá-las, o ponto crucial do encontro com a poesia do autor é a verdade do ser, trata-se de um pensamento que procura encontrar o campo possível de colocação do tema do ser no horizonte da história da metafísica e seu fato fundamental, que é o esquecimento do ser. Em *Ser e Tempo* o Dasein é refletido numa espécie de diálogo entre o mundo grego e o mundo moderno onde Hölderlin tem o papel de esclarecer poeticamente o lado oculto da história ocidental. Heidegger acreditava que nem o próprio Dasein conseguia “vencer” a manifestação do ser em seu lado mais oculto, por isso ele nunca considerou que *Ser e Tempo* fosse uma obra acabada e sim uma introdução à questão do ser, então a junção com o pensamento de Hölderlin seria o que chama de “clareira do ser”.

O livro *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger* está dividido em duas formas de abordagem: a primeira é buscar situar o pensamento de Heidegger e a noção da poesia no momento em que ele se dedica as interpretações de Hölderlin e a segunda é estudar as interpretações feitas pelo próprio Heidegger. Para ele a poesia de Hölderlin, considerado pelo mesmo o poeta dos poetas, é *Dichtung*, ou seja, possui mais abrangência em conteúdo e o caráter poético da postura fundamental diante da abertura de mundo. “Hölderlin não é um poeta que somente faz poesia e, além disso, teoriza sobre a arte poética, mas alguém que poetiza a própria poesia” (WERLE, 2005, p. 26). O escritor com sua poesia, a partir do centro da existência humana, que engloba passado, presente e futuro, alcançaria a essência da poesia e a projetando, transmitiria sua mensagem ao povo.

A obra de Hölderlin introduz a existência humana numa dimensão mais ampla, onde não existe mais “subjetivismo” como algo decisório da verdade, o que instaura uma virada de pensamento tanto da metafísica quanto pensar da analítica existencial. Com essa virada temos a possibilidade de atingir algo originário, esse algo originário é a linguagem, ela é quando colocada como centro da existência humana possui a sua capacidade interlocutória, que permite a afirmação de um sentido histórico para o mundo. “A linguagem pode tanto elevar o homem para além dos limites humanos como vulgarizar a essência do que é humano. Por seu estatuto ambíguo, sempre está à espreita tanto o término de sua própria essência (o poético) quanto o dizer da essência (do ser)” (WERLE, 2005, p.53).

Através da poesia de Hölderlin, Heidegger estabelece uma “ontologia poética-fundamental”, onde tem a pretensão de ser novo horizonte de colocação da questão do ser, é importante notar como essa ontologia é permitido o estabelecimento das bases de um determinado conceito de poesia e de uma concepção da tarefa da poesia diante da existência humana com um todo

A característica principal da poesia de Hölderlin é seu horizonte amplo, onde se estabelece toda determinação humana, a essência de sua poesia nunca se define por uma mera determinação real, uma simples definição ou descrição, ela na verdade se impõe como acontecimento fundamental do ser, mas mesmo através do discurso poético onde há a manifestação do ser, não há a descaracterização da sua essência mais oculta que é o mistério.

Dentro da poesia de Hölderlin, há um conceito fundamental que é a dimensão. “Segundo Heidegger, a dimensão dá sentido profundo e amplo aos versos que enunciam a morada poética dos homens” (WERLE, 2005, p.60), essa dimensão é sustentada pelo sagrado. E assim vimos que o sagrado é algo que está em si, mas também nos objetos, não é algo totalmente acabado e fechado nele mesmo, como um absoluto “não alcançável” pelos homens, nem algo que está apenas nas coisas, nos objetos, mas entre os dois. Assim, concebemos que no estudo da construção da noção de poesia nos escritos de Heidegger sobre Hölderlin, podemos perceber que a poesia não é algo que permite uma única definição, um único conceito, mas ela deve ser compreendida como uma operação, onde estão sempre colocadas questões históricas que envolvem o destino do ser e do ser humano. Através Hölderlin e Heidegger observamos a estreita relação entre poesia e pensamento, na verdade uma relação de dependência, onde uma precisa da outra, a poesia é vista a partir das questões do pensamento, há um diálogo entre os dois saberes, assim Heidegger insere a poesia de Hölderlin no seu pensamento filosófico e esse novo trajeto de união tem seu impulso em Ser e Tempo, no qual o filósofo lança a base do seu pensamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A união entre filosofia e literatura certamente é de grande importância para todo o pensamento ocidental, através dela filósofos fizeram poesia e poetas fizeram filosofia. Desta maneira a área de abrangência dos dois saberes se tornou demasiadamente extensa e cada vez mais os estudos de hermenêutica filosófica e literária têm ganhado mais espaço e mais respeito pelos pensadores. Martin Heidegger como sendo um dos mais importantes pensadores contemporâneos percebeu a importância dessa relação e fez dela parte fundamental da sua filosofia.

Através do pensamento de Heidegger percebemos que há uma quebra de paradigmas estabelecidos ao longo dos anos, como o de Platão que afirmava que a mimese produzia obras “três vezes mais afastadas da realidade” e que os poetas não passavam de meros imitadores de segunda mão. Até a estética tradicional ao qual percebe a arte como apenas um objeto de simples fruição, onde a arte é compreendida por meio de um processo subjetivo, tem agora por meio do pensamento heideggeriano um novo olhar sobre a arte, libertando-a de uma concepção puramente estética e a colocando em seu devido lugar, o de acontecer espontâneo da verdade.

Desta maneira, nos fica claro que a obra de arte instaura um mundo. Tal fundação não pode ser vista apenas como um simples ato de copiar algo já existente, mas sim como a fundação de um modo de ver não particular, mas sim universal. Como, por exemplo, o quadro de Van Gogh, *Um Par de Sapatos*, ali não está exposto somente à simplicidade da vida camponesa, mas sim a singularidade da vida em geral. Assim, a obra de arte nos abre um mundo que é entendido como um mundo histórico.

Por esta capacidade, compreendemos que a obra de arte é uma forma de revelação do mundo e a poesia é considerada por Heidegger o de mais relevante para compreensão da existência humana, pois possui a habilidade de revelar, mas sem descaracterizar a essência do ser, que é seu velamento. Na busca da compreensão do ser, filosofia e literatura caminham juntas, assim a obra de Martin Heidegger e Friedrich Hölderlin.

ABSTRACT

Philosophy and Literature are sciences that have always been close to the human thought. In this work, I intend to outline how their relation between Philosophy and Literature occurs, especially in Martín Heidegger's (1889-1979) philosophy. The German existential philosopher searches for a more efficient way to develop a problematic in the sense of the being. For Heidegger, it is clear that the matter of the being could no longer be thought as concepts that would only cover logical statements, therefore, Heidegger decides to suppress this manner of thinking, that is when he encounters with the poetry, for the purpose of traveling through the maze-like and extraordinary regions of the being. This new approach comes from how the process of fusion between thought and Philosophy takes place, then, Heidegger searches in the inside of the poetry of the poetic persona and the German novelist, Friedrich Hölderlin (1770-1843), the understanding for the concept of Dasein. Heidegger was passionate for the works of Hölderlin, but it was only in the course of time that he started the studies about them, the crucial point of the encounter with the author's poetry is the truth of the being, this is a thought that aims to find the possible field to place the theme of the being in the horizon of the history of metaphysics and its essential fact, the forgetfulness of being. In Heidegger's work *Being and Time* the Dasein is projected in some sort of dialogue between the Greek world and the contemporary world, where Hölderlin's role of clarifying poetically the hidden side of the Western history.

KEYWORDS: Work of Art. Poetry. Hölderlin.

REFERÊNCIAS

- BARROS, Chimena M. S. de. **A Poesia na Filosofia Heideggeriana: Uma Breve Investigação Rumo à Crítica.** Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários. Londrina. v. 5. p. 2-16. 2005.
- FERNANDES, L. S. **Verdade em Obra: Arte e Poesia na Filosofia de Martin Heidegger.** 2001. 94f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – UFPB (Universidade Estadual da Paraíba), Paraíba, 2001.
- HEIDEGGER, Martin. 1889-1976. **Ser e Tempo/** Martin Heidegger; Tradução revisada e apresentação de Marcia Sá Cavalcante Schuback; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 7.ed.- Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP. Editora Universitária São Francisco, 2012.
- HEIDEGGER, Martin. **Arte y Poesia/** Martin Heidegger; trad. Y pról. de Samuel Ramos.- 2ª ed. – México: FCE, 1973.
- HEIDEGGER, Martin. **O Conceito de Tempo/** Martin Heidegger; trad. e pról. Irene Borges Duarte. – 1ª ed. 2008.
- HIEDEGGER, Martin, 1889-1976. **A Origem da Obra de Arte/** Martin Heidegger; [tradução de Idalina Azevedo e Manuel Antônio de Castro]. – São Paulo: Edições 70, 2010.
- KIRCHNER, Renato. **A caminho do pensamento e da poesia.** Theoria (Pouso Alegre), v. 1, p. 11-35, 2009.
- MAGALHÃES, Antônio C. M. **Partilhas do Saber. Diálogos entre Filosofia e Literatura.** Revista Páginas de Filosofia, São Paulo.v.1, n.2, p. 47-59, jul/dez 2009.
- MACHADO, Anna Rachel.**Planejar Gêneros Acadêmicos/** Anna Rachel Machado, Eliane Gouvêia Lousada, Lília Santos Abreu-Tardelli. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- NATRIELLI, Adriana. **A crítica do discurso poético na República de Platão.** In: III Encontro de Filosofia e Ciencia do Cone Sul (AFHIC), 2004, Águas de Lindóia, S.P. III Encontro de Filosofia e Ciencia do Cone Sul (AFHIC), 2004. p. 8-11.

RÉE, Jonathan, 1940-1997. **Heidegger. História e Verdade em Ser e Tempo**/ Jonathan Rée; tradução de José Oscar de Almeida Marques, Karen Velobuef- São Paulo. Editora UNESP, 2000 – (Coleção Grandes Filósofos).

SANTOS, L. G. **O homem na filosofia de Martin Heidegger**. *Filosofia* (São Paulo), v. 22, p. 50-63, 2008.

WERLE, Marco Aurélio. **Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger**/ Marco Aurélio Werle. – São Paulo: Editora UNESP, 2005.